

São Brasil

O tumor é estatal

ALOYSIO AZEVEDO

Observando a manobra que o PMDB realiza, através do governador Miguel Arraes, para atrair o PT no segundo escrutínio, cheguei à conclusão de que a Nova República criou uma verdadeira "síndrome do vice". Na chamada Frente Brasil, onde o grupo mais liberal pretende a completa estatização da nossa economia, parece que a candidatura à Presidência não tem mais importância, tal o acirramento da luta pela vice. Nos bastidores já se diz que "puxaram o tapete do Houaiss (acho que falta uma consoante nesse nome)", enquanto outros prometem "fotografar" o oponente. E vai por aí.

A confusão no ninho dos tucanos não é menor. O próprio PDT não consegue colocar adequadamente o seu problema, tratando a questão do vice como se fosse eleitoral, quando ela é eminentemente política: molhar Brizola numa xícara de café-com-leite. E aí, não dá para comparar o Gusmão com os demais. Mineiro de São Paulo, petebista histórico, muito articulado nesse poderoso Sudeste e autêntico "caçador de marajás" durante sua rápida passagem pelo Planalto, o criador da "candidatura única das oposições" em 84 tentou, sem sucesso, o fechamento do IBC e do IAA.

Por falar em IBC e IAA, na época era muito lembrado o exemplo dos plantadores de soja e laranja, que aumentaram extraordinariamente seus negócios de exportação utilizando apenas (!...) os incentivos da área. Durante vários anos eles nadaram de braçadas e tiveram lucros gigantescos. Mas bastou o primeiro erro — segurar a safra demasia-damente em busca de preços mais altos no Exterior — e já esquecem tudo que disseram antes para bater na porta do governo, à procura de privilégios, de um instituto para a soja. Então, doutor Olacir, como fica aquele discurso na USP e em todos os lugares, cheio de altaneria, independência e outras coisas mais?



Que o Camões queira salvar sua corretora utilizando a presidência do Banco Central, vá lá. Afinal, as suas ligações sempre foram muito conhecidas e nada melhor podermos esperar dali. O presidente da Bolsa de Valores de São Paulo, Eduardo Rocha Azevedo, vem denunciando essas irregularidades há muito tempo, tendo por isso mesmo sido punido pelo governo. Ultimamente, consciente de que nada seria feito pelas autoridades monetárias, despachou os suspeitos para o mercado carioca e enriqueceu os regulamentos da sua instituição, colocando-a a salvo das manobras mais aventureiras. Isso tudo é público e muito sabido. Mesmo assim, não falta "cara-de-pau" para pedir a "intervenção salvadora do governo" para esse pobre capitalismo viabilizado e que odeia operar com risco. Uma vergonha!

Especular com ações é tão aceitável e natural como especular com soja ou mesmo com vices. Ninguém é contra. O que hoje não mais se aceita é a socialização dos prejuízos. E por que essa prática, tão velha entre nós, não é mais aceita? Será que nossos governantes mudaram sua maneira de tratar o patrimônio público e aplicam agora os recursos criteriosamente? É claro que não. Acontece que o dinheiro acabou.

A crise financeira gerou uma filha: a moralidade

A moralidade está sendo implantada porque a crise financeira e fiscal do Estado está chegando a patamares jamais sonhados. O velho Estado colonial/cartorial está em coma, enquanto cresce a economia livre e informal. Já se fala com naturalidade em um choque de austeridade, que começaria no atual governo (parece incrível...) e se estenderia pelo próximo, para que sua pior fase ocorresse ainda antes do auge das eleições gerais de 90, dificultando assim a prática abusiva da demagogia.

Caminhamos rapidamente para aquele momento em que as coisas se afunilam, as crises se superpõem, as explicações se unificam e se simplificam, até começar a aparecer aos olhos de todos o núcleo da questão, o tumor estatal. A ordem, então, será lancear o acesso, para depois se discutir se se privatiza o excesso ou se se estatiza o essencial. Ou se devemos casar essas operações, o que me parece mais razoável. O fundamental é estourar os feudos de privilégio, os cartórios, os monopólios, os oligopólios, e deixar fluir livremente a saudável competição, que reduzirá preços e aliviará tensões. Precisa-se apena-s de um médico em quem se possa confiar, pois dor haverá, necessariamente.